Maria Carlota Quintanilha: uma arquitecta portuguesa na África moderna

Autor(es): Santos, André; Ferreira, Maria João; Negrão, Maria; Catarino, Mariana; Bandeirinha, Rosa

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37212>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8681_1_11

Accessed : 26-Apr-2023 14:45:22

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

JOELHO

#01

MULHERES NA ARQUITECTURA

Jorge Figueira
Coordenação

Silvana Rubino
Carla Lopes
Liliana Carvalho
Joana Bem-Haja
Filipa Cabrita
Inês Antunes
Telma Silva

1923

Maria Carlota Quintanilha

Uma architecta portuguesa na África moderna

Nota biográfica:

Nasceu em Coimbra, em 1923, filha de Maria Susana e de Aurélio Quintanilha, Professor na Universidade de Coimbra, defensor uma visão libertária da educação, da República, do proletariado e anarco-sindicalista avançado. Em 1928 vai para Berlim porque Aurélio Quintanilha obtém a autorização para fazer um estágio na Universidade de Berlim. Em 1953 acaba o curso na Escola de Belas Artes do Porto e casa com o arquitecto João José Tinoco (1924-83) que terminou o curso em 1952 e vem a participar nas delegações da ODA portuguesa ao CIAM VIII. Vão para Angola até 1956. Nesse ano vão para Maputo, Moçambique, onde se encontra o pai de Carlota Quintanilha e onde o casal se dedicará a trabalhar na construção de uma imagem urbana e arquitectónica coerente e moderna. Em 1975 regressam a Portugal.

Perfil:

Nascida em 1923, treze anos após a proclamação da Primeira República, Maria Carlota Quintanilha distingue-se por um excepcional espírito vanguardista, determinado e lutador, numa altura em que as mulheres eram submetidas à supremacia masculina e a igualdade entre géneros não passava de um conceito utópico e filosófico.

Entrou na Escola de Belas Artes do Porto para estudar arquitectura por volta de 1948. Nesse momento, o direito ao voto não era permitido às mulheres, situação que se manteve durante alguns anos. O seu pensamento avançado e o seu espírito decidido, bem como a rigidez e a discriminação social, comprovam-se pelo número de mulheres que a acompanharam nos estudos – apenas duas – entre uma maioria masculina. Foi também durante a sua frequência do curso que conheceu João José Tinoco, com quem se veio a casar. No mesmo ano em que casaram, 1953, partiram para Angola, onde trabalham durante três anos. No entanto, a maior parte da sua obra encontra-se em Moçambique, onde vivem a partir de 1956, tal como alguns outros jovens arquitectos portugueses (como Fernando Eurico, Marcos Guedes, Alberto Soeiro, Craveiro Lopes e Amâncio Guedes).

A arquitectura de Maria Carlota Quintanilha, sempre em cooperação com o seu marido, abrangeu várias escalas e vários programas, como aerogares, edifícios de administração, habitações e arranjos urbanísticos. O desenho e o uso dos materiais denunciam a influência das experiências dos trópicos por sua vez baseadas na obra de Le Corbusier. Utiliza uma linguagem moderna que foge da expressão cubista, do uso da caixa e das geometrias puras, e se aproxima dos volumes irregulares e expressionistas. O resultado são fachadas e coberturas de linhas oblíquas, planos curvos e introdução de complexidades na concepção dos edifícios modernos, dando a notar uma nova vontade formal.

Até à Revolução de Abril, as mudanças no papel social e individual da mulher foram lentas e limitadas, originando inúmeros casos de abusos, discriminações e sacrifícios daqueles que pretendiam uma mudança. A partir de então, os direitos cívicos e privados foram assegurados e mantêm-se até aos dias de hoje. Apesar de ainda ser possível detectar muitos abusos de prepotência em relação às mulheres, actualmente, estas têm uma considerável presença na sociedade, no que respeita ao espaço mediático e cargos de poder. No campo da nossa disciplina, está estabilizado um equilíbrio cívico e profissional que se reflecte num papel igualmente progressista dos criadores da arquitectura contemporânea portuguesa.

Bibliografia:

João José Tinoco – arquitecturas em África, Ant. Matos Veloso, José Manuel Fernandes, e Maria de Lurdes Janeiro; Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

—
GERAÇÃO AFRICANA - Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique 1925-1975, José Manuel Fernandes; edição Horizonte, Lisboa, 2002

—
Património Moderno – Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970, edição do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico), 2004

—
Arquitectura Moderna em Moçambique – Inquérito à produção arquitectónica em Moçambique nos últimos vinte e cinco anos do império colonial português 1949-1974; Prova final de António Manuel de Albuquerque, Departamento de Arquitectura da FCTUC, 1998

—
Obras públicas em Moçambique – Inventário da produção arquitectónica executada entre 1933 e 1961;

—
Dissertação de Mestrado do curso de Estudos Avançados em Arquitectura, Território e Memória de André Renga Faria Ferreira, Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2006

—
Artigo, *Expresso*, 13 de Outubro de 2001

Fonte das imagens:

João José Tinoco – arquitecturas em África, de Ant. Matos Veloso, José Manuel Fernandes, e Maria de Lurdes Janeiro; Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

Elementos do grupo:

André Santos
Maria João Ferreira
Maria Negrão
Mariana Catarino
Rosa Bandeirinha